

# ESSE PERSONAGEM É SURDO? LEITURAS SUBJETIVAS DE LIVROS ILUSTRADOS SEM PALAVRAS FEITAS POR SURDOS UNIVERSITÁRIOS

Leila Rachel Barbosa Alexandre\*

Deuselania de Sousa Ferreira\*\*

Luann da Costa Silva Carneiro\*\*\*

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar as experiências de leitura subjetiva de alunos surdos universitários em práticas de mediação de leitura de livros ilustrados sem palavras. Como suporte teórico, contamos principalmente com Arizpe (2013) e Bértolo (2014), para tratarmos de camadas e caminhos de leitura, e apresentamos exemplos de leitura subjetiva de três livros: “O Menino-Vazio”, “Cena de Rua” e “A Chegada”. Durante a mediação, houve a identificação dos personagens principais como surdos, dentre outras leituras realizadas a partir de experiências individuais, mesmo que não houvesse nenhuma indicação de que esses personagens fossem surdos de fato ou que foram pensados por seus autores dessa forma quando estavam sendo construídos.

**Palavras-chave:** Mediação, Camada Autobiográfica, Identidade surda, Narrativa.

---

\* Doutora em Linguística (UFMG). Docente efetiva na Universidade Federal do Piauí (UFPI), vinculada ao curso de Licenciatura em Letras-Libras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras. <https://orcid.org/0000-0002-0151-1422>. [leilarachel@ufpi.edu.br](mailto:leilarachel@ufpi.edu.br).

\*\* Graduada em Letras-Libras (UFPI). Mestranda em Letras (PPGL/UESPI). <https://orcid.org/0009-0005-5507-2081>. [deuselania@gmail.com](mailto:deuselania@gmail.com).

\*\*\* Graduado em Letras-Libras (UFPI). Professor (SEMECT/Caxias-MA). <https://orcid.org/0009-0002-1692-9925>. [luannc77@gmail.com](mailto:luannc77@gmail.com).

## IS THIS CHARACTER DEAF? SUBJECTIVE READINGS OF WORDLESS PICTUREBOOKS BY DEAF UNIVERSITY STUDENTS

### Abstract

This paper aims to analyze the subjective reading experiences of deaf university students in reading mediation practices with wordless picturebooks. As theoretical support, we primarily draw on Arizpe (2013) and Bértolo (2014) to discuss layers and paths of reading, and we present examples of subjective readings of three books: *O Menino-Vazio*, *Cena de Rua*, and *A Chegada*. During the mediation, the main characters were identified as deaf, among other readings derived from individual experiences, even though there was no indication that these characters were actually conceived as deaf by their authors during their creation.

**Keywords:** Mediation, Autobiographical Layer, Deaf Identity, Narrative.

## ¿ES ESTE PERSONAJE SORDO? LECTURAS SUBJETIVAS DE LIBROS ILUSTRADOS SIN PALABRAS HECHAS POR ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS SORDOS

### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar las experiencias de lectura subjetiva de estudiantes universitarios sordos en prácticas de mediación de lectura de libros ilustrados sin palabras. Como apoyo teórico, nos basamos principalmente en Arizpe (2013) y Bértolo (2014) para abordar estratos y caminos de lectura, y presentamos ejemplos de lectura subjetiva de tres libros: *O Menino-Vazio*, *Cena de Rua* y *A Chegada*. Durante la mediación, se identificaron a los personajes principales como sordos, entre otras lecturas realizadas a partir de experiencias individuales, aunque no había ninguna indicación de que estos personajes fueran concebidos como sordos de hecho por sus autores durante su creación.

**Palabras clave:** Mediación, Estrato Autobiográfico, Identidad Sorda, Narrativa.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de alguns anos realizando mediações de leitura de livros ilustrados, já vimos uma mesma obra (“A menina que não se encaixava”, de Mariana Tavares) ser lida por diferentes grupos de ouvintes de maneiras variadas: crianças viram uma aventura de uma menina tentando achar uma caixa em que ela caiba, numa cidade em que todo mundo já está em suas próprias caixas; adolescentes interpretaram como a história de uma menina que se sentia sozinha, deslocada e incompreendida por ser diferente; universitários a leram como a história de alguém tentando encontrar seu lugar no mundo (até mesmo, a profissão certa); outros disseram que era uma história sobre estar em uma depressão e sair dela ou que era uma história sobre mudar o olhar que se tem sobre a vida. É o mesmo livro, as mesmas muitas imagens, as mesmas poucas palavras. De diferente mesmo, “só” os leitores e toda a bagagem de experiências subjetivas que carregam para a leitura.

Na experiência com esse livro, feito de poucas palavras e quase inteiramente de imagens, dentre todas as experiências de leitura com as quais nos deparamos, a experiência de leitura de pessoas surdas se destacou. Em uma oficina para surdos e ouvintes, depois de ler a obra, um leitor surdo teve certeza de que a personagem principal era surda. Nesse livro, uma menina mora em uma cidade em que todo mundo vive em caixas e só ela não consegue uma caixa em que se encaixe. Para o leitor, as caixas em que as pessoas estão enfiadas, todas iguaizinhas, representavam a falta de comunicação dos moradores da cidade com a menina, a única diferente.

Em outra oficina de leitura, estávamos lendo “Onde canta o sabiá”, de Regina Rennó, e outro leitor surdo afirmou que eram surdos os passarinhos que, em determinado momento da história, não fugiram quando estavam prestes a serem atacados por um menino com uma baladeira, enquanto outros passarinhos voaram para longe dali. Essas leituras subjetivas, profundamente ancoradas na experiência de ser surdo, nos levaram a propor oficinas de leitura de livros ilustrados, a partir de então focando naqueles sem palavras, no âmbito do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Piauí, para que a experiência dos leitores surdos sofresse o mínimo possível com barreiras linguísticas.

Se procurarmos informações sobre esses livros ilustrados, mesmo os sem palavras, não encontraremos nenhuma indicação de que seus personagens sejam surdos de fato. Podemos arriscar dizer, inclusive, que eles não foram sequer pensados por seus autores dessa forma, quando estavam sendo construídos. O que aconteceu então? Aconteceram leitores surdos. A leitura subjetiva, nesse contexto, se configura como um acontecimento intrincado, onde as vivências e identidades dos leitores surdos moldam suas interpretações de maneira singular. As obras em análise são lidas pelo viés das experiências pessoais dos leitores, possibilitando que eles projetem suas realidades nas narrativas, mesmo que elas não tenham como leitor ideal pessoas surdas universitárias.

Nesse sentido, uma das principais questões que guiam nosso processo de mediação da leitura subjetiva é “Esse personagem é surdo?”. Essa é a pergunta que temos feito em todas as mediações de leitura de livros ilustrados sem palavras com universitários e que costuma ser o gatilho para que os leitores surdos mobilizem suas experiências relacionadas às identidades surdas para realizar o caminho interpre-

tativo das narrativas. A partir dessa abordagem, objetivamos, neste artigo, analisar as experiências de leitura subjetiva de alunos surdos universitários em práticas de mediação de leitura de livros ilustrados sem palavras. Para tanto, tomamos como base teórica principal as ideias de Bertolo (2014) e Arizpe (2013) para lidarmos com os conceitos de camadas de leitura e caminhos de leitura.

Diante desse cenário, nosso estudo é guiado pelos seguintes questionamentos: Quais caminhos de leitura são percorridos por sujeitos surdos universitários na leitura de livros ilustrados sem palavras a partir do acesso à camada de leitura autobiográfica? Como o acesso a essa camada pode ser influenciado por ações de mediação de leitura que busquem incrementar o repertório de estratégias de leitura dos leitores? A partir dessas questões, conduziremos este artigo de maneira que, além de buscar entender o processo de construção de significados nos percursos de leitura realizados por surdos universitários na prática com livros ilustrados sem palavras, possamos contribuir para a compreensão de como a mediação de leitura pode abrir caminhos para a exploração de significados mais profundos nas obras, promovendo um diálogo entre o texto e as vivências dos leitores, em especial os surdos.

## 2 O LEITOR SURDO ENTRA NA HISTÓRIA

O processo de produção de texto envolve a concepção de um leitor presumido ou leitor-modelo (Eco, 1994), aquele leitor idealizado, para o qual o texto é endereçado (Bakhtin, 2003) e que vai influenciar as escolhas estratégicas feitas pelo autor, que faz conjecturas sobre “sua visão de mundo, seus gostos e suas vivências e, assim pode antecipar a possível atitude responsiva que ele tomará” (X, 2008, p. 71). Sabemos que essa imagem do leitor construída pelo autor (Alves Filho, 2007) influencia sobremaneira as tomadas de decisão estratégicas para a composição de um texto e costuma ser atrelada às características do gênero dos quais os textos fazem parte, como uma maneira de guiar o processo de produção textual, prevendo os caminhos possíveis de serem percorridos pelo leitor, mas também o processo de leitura, já que, se atingido o leitor-alvo, pode-se esperar que a sua leitura seja fluente.

Dada a importância do leitor presumido para os estudos de gênero, não se costuma abordar frequentemente o leitor empírico, aquele que, de fato, interage com o texto, que o manipula e que lida com ele em práticas de letramento. Enquanto o leitor presumido é marcado pela recorrência, o leitor empírico costuma ser atrelado à heterogeneidade, à instabilidade, o que pode dificultar o reconhecimento de padrões de comportamento, por exemplo. Ainda assim, essa característica do leitor empírico não nos parece um problema, já que pode oferecer conhecimentos importantes sobre como as diferenças entre leitores influenciam na recepção de textos.

Tomando o gênero do qual tratamos neste artigo, o livro ilustrado sem palavras, seria possível, de uma maneira geral, indicar que, provavelmente, para grande parte das obras, seus leitores presumidos são crianças e/ou adolescentes ouvintes, embora possa haver também previsão das especificidades de cada público. Já seus leitores reais podem ser os mais variados possíveis, como no caso do recorte que aqui estabelecemos: leitores surdos universitários, portanto, adultos. Além de esse público empírico nos interessar diretamente, pelo direcionamento de nossas ações docentes, a opção por ele oferece a possibilidade de analisarmos o processo de construção de leitura de textos imagéticos realizado por pes-

soas que possuem características identitárias relacionadas a um mundo visual, por serem surdas; que possuem uma provável ampla bagagem de práticas de letramento, por serem universitários; e que, em teoria, por serem adultos, têm uma visão de mundo distanciada daquela esperada para o público-alvo comumente esperado de livros ilustrados.

Conforme Coscarelli (2016, p. 63), leitura é “construção de sentidos a partir de um texto e [...] um processo que envolve habilidades, estratégias, e que deve levar em conta aspectos socioculturais, como a situação de leitura, o objetivo, o leitor, o texto e a autoria, entre outros”. É por isso que entendemos que diferentes leitores acessam diferentes camadas de leitura e fazem, portanto, diferentes caminhos de leitura. Essas diferenças podem ser relacionadas com diferentes idades e contatos prévios com textos, como indica Arizpe (2013), mas também podem ser relacionadas com a percepção do mundo pelo viés surdo.

O que acontece é que cada pessoa enxerga o mundo com seus próprios óculos sociais, percebendo-o a partir das ideologias e estereótipos construídos em suas práticas sociais (Blikstein, 2003) e, provavelmente, não coincidirão inteiramente com aqueles construídos por outros. Além disso, à medida que o indivíduo se engaja em outras práticas, o modo como enxerga e significa o mundo também vai sofrendo alterações. É por isso que, ao ler um mesmo texto em diversas fases da vida, é possível que um mesmo leitor o compreenda de maneiras diversas e acesse diferentes camadas de significação. A partir dessa perspectiva, nos interessa perceber como os diferentes óculos sociais dos surdos, os “óculos surdos”, para usar a expressão de Perlin (1998), influenciam seu acesso às camadas de leitura dos textos imagéticos que serão trabalhados, considerando que, embora tendo em comum a compreensão do mundo calcada na visualidade, há uma variedade de visões de mundo das pessoas surdas (Quadros, 2005; Leão, Sofiato & Oliveira, 2017), que podem influenciar sua leitura subjetiva.

### **3 O LEITOR SURDO SALTA PARA DENTRO E CAMINHA: CAMADAS E CAMINHOS DE LEITURA**

Ainda que possamos dizer que “formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço” (Manguel, 2001, p. 24), quando as imagens são articuladas em uma sequência narrativa, as duas dimensões (espaço e tempo) passam a existir em correlação (Fittipaldi, 2008). É o que acontece com os livros ilustrados sem palavras, os quais, prescindindo de linguagem verbal, estabelecem o fluxo narrativo apenas com imagens, as quais, considerando suas especificidades, são lidas tanto individualmente quanto sequencialmente.

Considerando as leituras subjetivas realizadas pelos leitores surdos reais, defendemos que a leitura de livros ilustrados sem palavras envolve dois processos distintos, embora inter-relacionados: percorrer caminhos de leitura e acessar camadas de leitura. Os caminhos de leitura referem-se ao processo pelo qual o leitor navega fisicamente pela sequência de imagens, construindo sentido através da organização da narrativa visual, percebendo, por exemplo, as relações de causa e consequência que se estabelecem nas viradas de página e as pistas que marcam a passagem do tempo. Percorrer esses caminhos nos livros ilustrados sem palavras demanda, conforme Arizpe (2013), que o leitor lide com lacunas

iconotextuais maiores que as encontradas no livro ilustrado com palavras; que reconheça a sequência narrativa e faça conexões entre as imagens; que elabore hipóteses sobre essas conexões; que reconheça que, muitas vezes, há múltiplas possibilidades interpretativas e finais ambíguos.

Todos os caminhos de leitura possíveis para a leitura de uma obra já estão virtualmente disponíveis nela, visto que são baseados no que a superfície textual dispõe. Entretanto, para que qualquer um desses caminhos seja trilhado, o leitor partirá do que as camadas de leitura que acessa lhe permitem. Essas camadas referem-se às diferentes chaves de leitura que um leitor texto pode utilizar para ler uma narrativa, influenciadas pela experiência e pela bagagem cultural do leitor.

Para Bértolo (2014), a leitura de narrativas é operada simultaneamente em quatro camadas<sup>1</sup> (textual, autobiográfica, ideológica e metaliterária), e o resultado da leitura depende das relações que o leitor estabelece com elas. O acesso a essas camadas demanda do leitor, conforme o autor, compreender que o texto é sempre o mesmo, o que muda são os leitores e, conseqüentemente, as leituras; entender que cada leitor inicia a leitura a partir de posições culturais, intelectuais, ideológicas e existenciais diferentes; permitir que a sequência narrativa dialogue com as bagagens dos leitores; assumir que a camada textual sempre

será a mola para as demais camadas (autobiográfica, ideológica, metaliterária).

O leitor, para Bértolo (2014) é constituído por um conjunto de atributos que ele chama de “trama leitora”, uma condição prévia do leitor, resultante das suas relações com as quatro camadas de leitura e que é responsável por dar “lugar a uma leitura única e pessoal (mas não intransferível nem inefável nem impossível de objetivar” (p. 61). Nesse caso, embora cada leitura seja única, porque são únicas as tramas leitoras constituintes das subjetividades dos leitores, ela parte de algo objetivo, daquilo que está posto na camada da superfície do texto. E essa relação deve ser sempre ressaltada e provocada pelo mediador.

Na mediação, à medida que se estimula que o leitor a realizar seu caminho interpretativo na narrativa, é necessário sempre chamá-lo a estabelecer a ponte com a leitura textual, ou seja, questioná-lo sobre onde, no texto, se ancora a sua interpretação. Especificamente no caso das mediações que pude realizar com livros ilustrados sem palavras, quando os leitores chegavam à conclusão de que algum personagem era surdo, eu precisava perguntar logo: “o que você viu no livro que fez você entender que esse personagem é surdo?”. Assim, o leitor não perde de vista a mola (o texto) que o faz caminhar por entre as possibilidades interpretativas.

Essa interpretação de um personagem como surdo, foco deste artigo, emerge a partir do acesso à camada de leitura autobiográfica, que é o plano de leitura ao qual nos dedicamos neste artigo. Essa camada é a da leitura subjetiva, pela qual nos lemos ao ler uma narrativa (Bértolo, 2014; Jouve, 2013). Nesse processo, o leitor se projeta no texto a partir de suas experiências pessoais, o que permite que ele se identifique com a narrativa e encontre pontos de conexão com suas vivências. Ao ler, o leitor

1 Na tradução brasileira, o que Bértolo chamou originalmente de “estratos de lectura” é nomeado como “níveis de leitura”. Entretanto, neste artigo, optamos por utilizar uma outra possibilidade de tradução para “estrato”, qual seja, “camada”, considerando que esta palavra reflete melhor a nuance de profundidade de leituras que o leitor pode acessar.

utiliza seus próprios sentidos e experiências para se aproximar do texto, ocupando um papel ativo na interpretação.

Bértolo (2014) afirma que “as palavras têm duas biografias: uma histórica, dentro da História da língua da qual se trate, e outra pessoal, relacionada com as nossas vivências autobiográficas”. Entendendo que o autor se dedica, em sua obra, à leitura de narrativas verbais, por isso fala de “palavras”, mas também entendendo que as narrativas visuais compartilham de modos de funcionamento semelhantes às narrativas verbais, podemos estender a ideia de Bértolo para considerar que as imagens também tem duas biografias. A biografia histórica da imagem se refere aos seus significados convencionais, mais socialmente estáveis, ou seja, é o que permite que, aos lermos uma narrativa visual, consigamos reconhecer as imagens por já termos tido contato com representações semelhantes. Já a biografia pessoal das imagens se trata do significado que cada leitor atribui subjetivamente a elas, a partir de suas experiências e sentimentos específicos relacionados a situações ou representações que as imagens rememorem.

Em todas as vezes que pude conduzir mediação de leitura de livros ilustrados sem palavras, aproveitei a ausência dos elementos verbais (que marcariam a utilização de uma língua específica pelos personagens) para fazer a pergunta: “Você acha que esse personagem é surdo ou ouvinte?”. Numa sala com a presença de leitores surdos, essa pergunta engatilha fortemente a camada autobiográfica, trazendo à tona os significados pessoais das imagens no que se refere às identidades surdas, o que pode abrir novos caminhos de leitura. Nesse caso, a biografia histórica da imagem permite que o leitor entenda estar diante de um personagem que represente um adulto ou uma criança, por exemplo, mas é a biografia pessoal da imagem que o fará identificar o personagem como surdo.

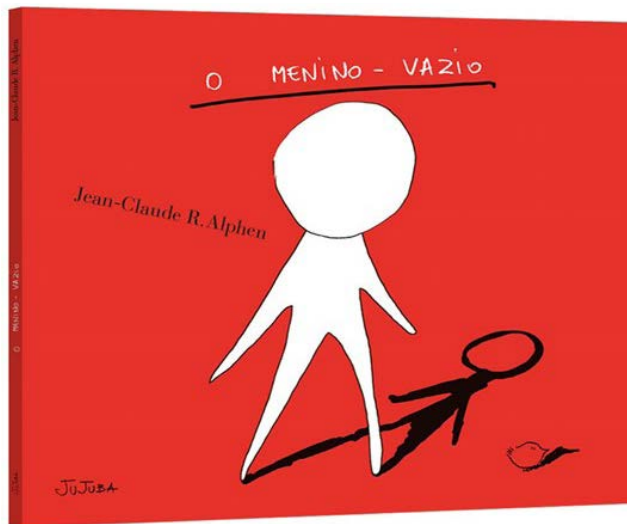
Quando os leitores decidem que um personagem é surdo e ancoram sua visão nos elementos textuais, todo o caminho de leitura passa a ser percorrido por esse viés interpretativo da leitura autobiográfica. Ou seja, a camada autobiográfica acessada pela identificação de ser surdo passa a funcionar como os “óculos surdos” (Perlin, 1998) com os quais todo o sequenciamento narrativo será lido. Se consideramos que o texto permanece o mesmo, o que muda é o leitor, entendemos que, embora todos os leitores tenham acesso à camada textual — passando pelas mesmas imagens e conexões narrativas —, os surdos, ao adentrarem a camada autobiográfica, tendem a acessar possibilidades de significação que podem não estar tão prontamente disponíveis para leitores ouvintes. Nesse sentido, embora seja possível que um ouvinte também entenda um personagem como surdo e que ele ancore sua percepção em experiências que possa ter vivido com a comunidade surda, sua leitura subjetiva muito provavelmente não alcançará interpretações que somente o leitor surdo conseguirá acessar, dadas as suas experiências prévias.

Além disso, se entendemos que “só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos” (Manguel, 2001, p. 27), fica evidente que usar “óculos” surdos ou ouvintes ao ler uma narrativa visual pode fazer com que elementos textuais sejam percebidos de formas diferentes ou nem sejam percebidos, embora estejam disponíveis na superfície textual. A seguir, nos dedicaremos a exemplificar como a leitura autobiográfica pelo viés dos “óculos surdo” pode abrir caminhos de leitura específicos para três obras: “O Menino-Vazio”, “Cena de Rua” e “A Chegada”.

### 3.1 O menino-vazio é surdo?

O livro ilustrado sem palavras “O Menino-Vazio”, de Jean-Claude R. Alphen, publicado no Brasil pela Editora Jujuba, é divulgado para venda com a seguinte sinopse<sup>2</sup>: “Nessa narrativa visual, o menino um dia se olha no espelho e se percebe vazio. Então, um passarinho chega e traz música e alegria. Mas isso não foi suficiente para o menino vazio, que o troca por outro mais bonito. O tempo passa, o menino vai se preenchendo e ganha um coração. E começa a reconhecer o que é verdadeiro”<sup>3</sup>.

Figura 1 — Capa da obra “O Menino Vazio”



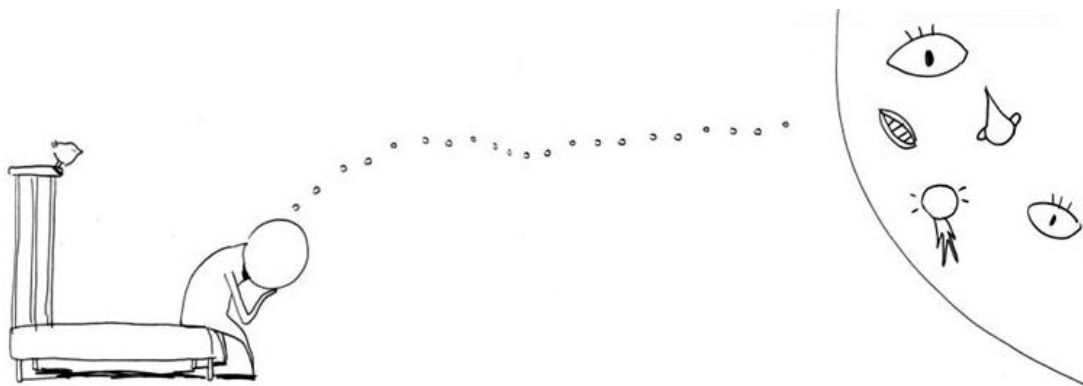
Fonte: Alphen (2012).

Em X (2020), os resultados da análise da leitura do livro *O Menino-vazio* por adultos surdos revelaram particularidades nas estratégias interpretativas dos participantes surdos, evidenciando uma leitura mais detalhada e objetiva em comparação aos leitores ouvintes. O estudo identificou que, enquanto leitores ouvintes tendem a realizar inferências mais abstratas sobre o “vazio” do menino (associando-o a sentimentos como tristeza e solidão), os leitores surdos focaram na ausência de características visíveis, como os traços faciais (olhos, nariz, boca), conectando a falta de expressão com a experiência concreta de comunicação na comunidade surda, onde as expressões faciais são fundamentais. É o que vemos na página a seguir:

<sup>2</sup> Para todos os livros que menciono neste artigo, informo a sinopse oficial para dar indícios da sua condução narrativa, entendendo que a sinopse pode ser vista como o caminho narrativo esperado pelo autor ou pela editora, mas não necessariamente trilhado pelo leitor real.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.jujubaeditora.com.br/O-menino-vazio?srsIid=AfmBOoo9mbSi2GsrBMRQUxyrITYrR88G0Eh-3merK\\_PjI0qdXu7\\_Pxu8K](https://www.jujubaeditora.com.br/O-menino-vazio?srsIid=AfmBOoo9mbSi2GsrBMRQUxyrITYrR88G0Eh-3merK_PjI0qdXu7_Pxu8K)

Figura 2 - Cenas 4 da obra “O Menino Vazio”

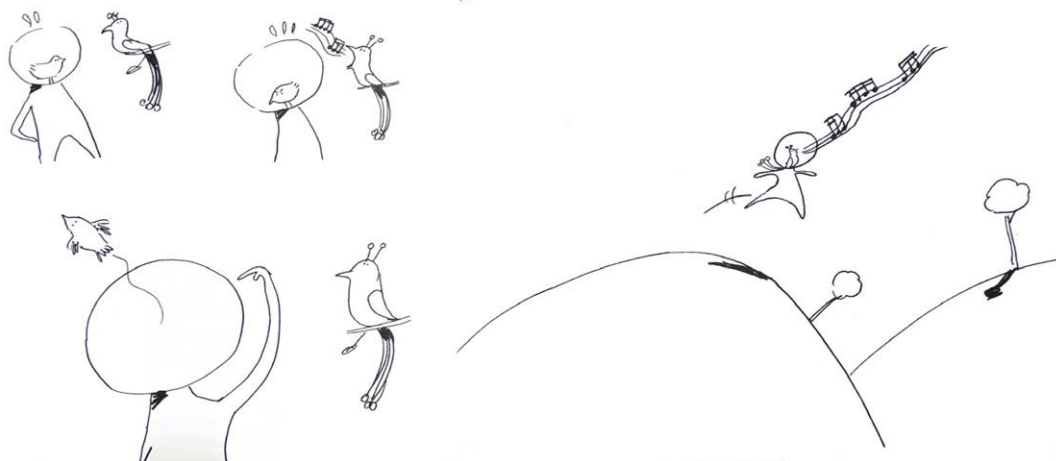


Fonte: Alphen (2012).

Nas oficinas de mediação realizadas para leitura desse livro, quando perguntados sobre o personagem principal ser surdo ou ouvinte, ao chegar nessa página, alguns leitores surdos inferiram que o menino é sim surdo e ancoraram sua hipótese na camada textual, argumentando que, nessa página em que ele está triste pelas partes do corpo que faltam nele (olhos, boca, nariz e sensação tátil) e o tornavam vazio, ele não sente falta de orelhas. Nesse sentido, a leitura autobiográfica desses leitores, que parte de suas identidades como pessoas surdas, não relaciona a característica de não ouvir com uma ausência a ser resolvida e assim entende que o personagem, sendo surdo, se sente vazio por outras ausências, que não a de ouvir. Já houve também leitores surdos que inferiram que o menino é surdo por perceberem seu isolamento e solidão (X, 2020), uma interpretação que é um indício da mobilização de sentimentos profundamente relacionados às vivências como pessoas surdas.

Essa chave de leitura que abre o caminho de interpretação em que o menino é surdo e, portanto, realiza suas ações na narrativa a partir dessa característica, é também bem exemplificada na interpretação que alguns leitores surdos já fizeram da página a seguir:

Figura 3 — Cena 10 da obra “O Menino Vazio”



Fonte: Alphen (2012).

Ao compreender as interações que aconteceram nessas cenas, leitores surdos perceberam que as notas musicais entoadas pelo segundo pássaro, quando estava ainda fora da cabeça do menino, não entravam nela. Para eles, isso comprovava que o menino era surdo, já que a música não era ouvida nem mesmo quando o primeiro passarinho estava na cabeça dele. Já quando o segundo passarinho entrou e passou a cantar, as notas musicais saíam de dentro da cabeça do menino, o que, para os leitores, significava que o menino, com a ajuda do passarinho, poderia cantar, mas não ouvir a música.

Sobre as notas musicais na obra, ou seja, uma representação do som, X e Y (2020) ponderam que é comum em livros ilustrados, mesmo os sem palavras, que haja onomatopeias ou algum outro tipo de representação imagética do som, o que é uma evidência de que pessoas surdas não são os leitores presumidos dessas obras, as quais são construídas, em sua maioria, por autores ouvintes. Entretanto, quando essas representações imagéticas de sons são relacionadas a elementos visuais, como o tamanho e a aparência dos pássaros e o “tamanho” dos seus cantos, no caso do confronto de passarinhos em “O Menino-Vazio”, os leitores surdos compreendem a cena que está se desenrolando mesmo que não lhes seja familiar a representação sonora (X & Y, 2020).

### 3.2 O menino verde é surdo?

“Cena de Rua” é um livro ilustrado sem palavras de autoria de Angela Lago, tendo como editora a RHJ. Na página de venda do livro, ele é apresentado com a seguinte sinopse: “Premiadas cenas do cotidiano de uma criança trabalhando na rua, criadas pela artista plástica Angela Lago... Imagens e cores fortes, plenas de movimentos, ângulos surpreendentes, em uma reportagem visual! A linguagem expressionista fala à emoção sem usar palavras; e o estilo universal da produção gráfica fez este livro correr o mundo”<sup>4</sup>.

Figura 4 — Capa da obra “Cena de Rua”



Fonte: Lago (2000).

4 Disponível em: <https://rhjlivros.com.br/catalogo/Cena-de-rua-p95822303>.

A experiência de mediação desse livro, realizada em uma oficina de leitura apenas com participantes surdos, revelou interessantes caminhos de leitura trilhados a partir do acesso à camada de leitura autobiográfica. Todos os participantes da oficina concordaram desde o início da leitura que o personagem principal do livro, o menino verde, morava na rua e estava vendendo algo no sinal. Entretanto, um dos alunos, ao observar a primeira página da narrativa (mostrada a seguir), relacionou mais diretamente as características do menino às suas:

Figura 5 — Primeira sequência de páginas da obra “Cena de Rua”

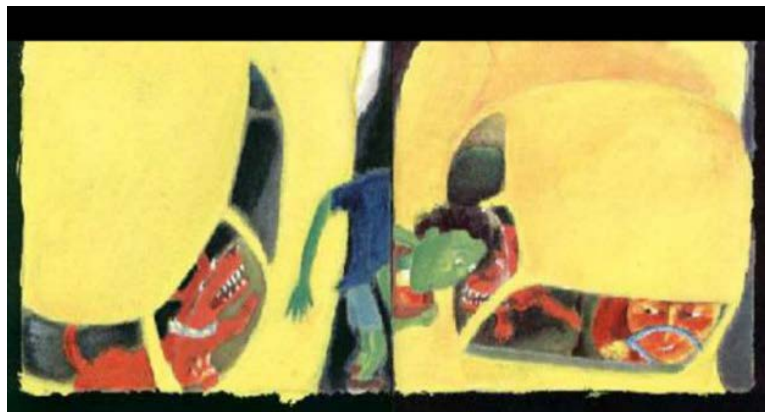


Fonte: Lago (2000)

Com a exibição dessa página, um dos leitores participantes da oficina disse que o menino verde tinha como características ser negro e surdo. Esse leitor demonstrou as características do personagem ao apontar para o seu próprio cabelo. Segundo ele, o cabelo dele e do menino eram iguais e, portanto, o menino era negro, assim como ele. Além disso, não havendo palavras na obra, o personagem foi reconhecido como surdo. Nesse caso, além da experiência de pessoa surda, a experiência individual como pessoa negra guiou os caminhos de leitura desse aluno, pelo acesso à camada autobiográfica.

Em outra página, a mediadora questionou mais diretamente sobre a possibilidade de o menino verde ser surdo ou ouvinte:

Figura 6 — Segunda sequência de páginas da obra “Cena de Rua”



Fonte: Lago (2000)

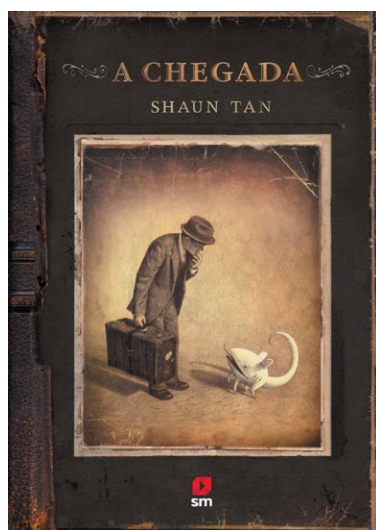
A pergunta sobre o menino ser surdo ou ouvinte foi planejada previamente pela equipe de mediação, que contava com um mediador surdo, considerando a disposição dos personagens na cena, a expectativa de que os cachorros estavam emitindo sons e a atitude do menino frente aos cachorros. Esperávamos, no planejamento da oficina, que essa pergunta pudesse suscitar mais diretamente a investigação da hipótese de o personagem ser surdo, o que de fato ocorreu, embora essa interpretação, no momento de fato da mediação, tenha sido feita pelos leitores participantes antes mesmo da pergunta da mediadora.

Ao interpretar essa página, uma das leitoras participantes da oficina menciona que o menino vê o cachorro e se assusta, parecendo que ele não escuta bem ou que pode ser surdo. Outra leitora concordou que o menino é surdo e entendeu que ele estava distraído, que o cachorro não o conhecia e, por isso, estava latindo. Nesse caso, as experiências de vida dos leitores surdos se fizeram presente na leitura, eles se identificaram com a situação e as suas formulações em relação ao personagem principal se basearam nessas experiências.

### 3.3. O homem exilado é surdo?

“A Chegada” é um livro ilustrado sem palavras de autoria de Shaun Tan, publicado no Brasil pela Edições SM. Na página da editora, o livro é assim apresentado: “Graphic novel experimental que narra as peripécias de um homem, separado de sua esposa e filha, chegando a uma terra totalmente estranha, à qual terá de se adaptar. Ali, buscará moradia, sustento e condições para trazer a família. Conhecerá também a história de outras pessoas que, como ele, tiveram de recomeçar a vida após um doloroso processo de desenraizamento”<sup>5</sup>.

Figura 7 — Capa da obra “A Chegada”



Fonte: Tan (2011)

5 Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/a-chegada/>.

“A Chegada” é um livro ilustrado sem palavras conhecidas em qualquer língua com existência real. Na experiência do exílio, o personagem principal chega a um lugar em que são utilizadas formas de comunicação que ele não entende e que nenhum leitor pode entender. Essa é uma característica importante do livro para compreendermos a possibilidade de que o leitor se sinta, assim como o protagonista, desorientado por não conseguir entender o que é dito. No caso do leitor surdo, essa possibilidade de interpretação vai ao encontro das suas experiências de contato linguístico dentro do próprio país. Entretanto, para esse livro, entre os leitores surdos, não foi recorrente a percepção de que o personagem é também surdo. Ou seja, embora os leitores, ao adentrarem a camada autobiográfica, tenham se identificado com os sentimentos do personagem, não tenderam a compreenderem que se tratava de uma pessoa surda. Acreditamos que isso se deva justamente ao fato de estar presente na obra uma língua (ainda que desconhecida) e um gestual que remetem mais à oralidade, o que não acontece nas outras obras anteriormente mencionadas.

Vejamos a seguinte página do livro:

Figura 8 - Página 27 da obra “A Chegada”



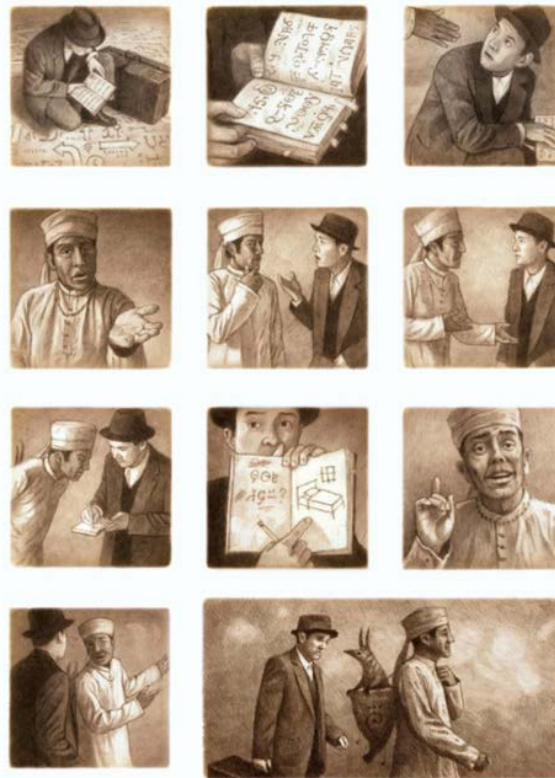
Fonte: Shaun Tan (2011)

Essa página se refere ao momento da narrativa em que o homem chega em outro país e passa por algo parecido com um controle de imigração. Em uma oficina de leitura ministrada exclusivamente para surdos, quando o mediador, ao mostrar essa página, perguntou se alguém já se sentiu como o prota-

gonista, um dos leitores participantes compreendeu que o homem sente que é difícil se comunicar, o que é igual ao que o surdo sente. Ele justificou sua interpretação a partir dos gestos realizados pelos personagens, que parecia tentar e não conseguir compreender e ser compreendido. Nesse caso, embora esse leitor tenha levado em consideração que, se o homem estava viajando para outro país (ou outro mundo), haveria outra língua, o que é esperado, sua leitura autobiográfica relacionou a experiência do homem à sua própria enquanto pessoa surda não estrangeira, que se comunica em Libras em seu próprio país, majoritariamente ouvinte. Essa leitura traz à tona a possibilidade de os leitores surdos se identificarem com os desafios enfrentados pelo personagem, enxergando a ausência de uma língua comum como um ponto de conexão entre suas vivências e a ficção.

Em outra página do livro, mais uma experiência autobiográfica dos leitores surdos é posta em evidência:

Figura 8 - Página 38 da obra “A Chegada”



Fonte: Shaun Tan (2011)

Nesta página, os leitores surdos aproximaram suas vivências com a do personagem pela tentativa de se comunicar utilizando desenhos. Quando o homem desenha uma cama e assim é compreendido, houve uma identificação dos leitores com as situações em que precisam desenhar (ou escrever em português) para que consigam se comunicar com ouvintes que não sabem Libras. Nos restou evidente que, para os leitores surdos que participaram de nossas mediações, a jornada do personagem de “A Chegada” envolve não apenas a adaptação a um novo ambiente, mas a superação de barreiras comunicativas, algo que ressoa com a realidade dos surdos em contextos onde a Libras não é compreendida.

No prefácio do livro “Visual Journeys Through Wordless Narratives: an International Inquiry with Immigrant Children and The Arrival” (Arizpe, Colomer & Martinez-Roldan, 2014), que trata de experiências de mediação do livro ilustrado “A Chegada” com crianças imigrantes de diferentes países, Shaun Tan, ao comentar sobre sua obra, reforça a ideia de que o processo criativo de um livro ilustrado não é direcionado a um público específico. Para ele, suas obras são direcionadas para as pessoas em todas as suas diferenças, as quais têm em comum uma imaginação imprevisível.

Essa visão de Shaun Tan se alinha às interpretações dos leitores surdos em nossa pesquisa. A ausência de uma língua conhecida em “A Chegada” incentiva a identificação dos surdos com as dificuldades de comunicação enfrentadas do protagonista, mas também abre espaço para que eles interpretem a narrativa de acordo com suas experiências pessoais. Como destaca o autor, “não há um significado fixo que precise ser desenterrado”, o que torna possível que diferentes grupos, como crianças imigrantes e pessoas surdas, possam se conectar com a história de maneiras únicas.

Nesse sentido, a leitura subjetiva de “A Chegada” se transforma em uma experiência de reconhecimento para os leitores surdos. A identificação com as barreiras linguísticas e a dependência de modos alternativos de comunicação — como os gestos e os desenhos — permite que esses leitores vejam suas próprias trajetórias refletidas na narrativa visual. O livro, portanto, não apenas conta a história de um migrante, mas também se torna um espaço onde as experiências de desorientação e busca por pertencimento de diferentes grupos sociais, como os surdos, podem ser exploradas e compreendidas.

#### **4 O QUE FAZ O MEDIADOR NO MEIO DO CAMINHO?**

Nos espaços educacionais, tradicionalmente o foco recai sobre o trabalho interpretativo com o texto verbal, enquanto a leitura de imagens ainda é deixada de lado (Santaella, 2012). Esse cenário é ainda mais evidente nos espaços acadêmicos, mesmo nos cursos em que costuma haver mais alunos surdos, como o de Letras Libras. É por isso que entendemos ser importante que pensemos em práticas sistematizadas de trabalho com a leitura de narrativas visuais, considerando os benefícios para os leitores, principalmente os leitores surdos. Para tal, defendemos o incentivo à leitura de livros ilustrados sem palavras pela prática da mediação.

O trabalho do mediador no processo de leitura de livros ilustrados sem palavras é essencial para guiar o leitor na exploração das múltiplas camadas de leitura presentes na narrativa visual para que ele percorra os múltiplos caminhos interpretativos que se abrem. O papel do mediador é guiar o leitor pelos caminhos de leitura e ajudar a despertar a consciência das camadas de leitura que acessa, sem, no entanto, fornecer uma interpretação única e definitiva. O mediador não oferece respostas prontas, mas provoca o leitor a descobrir, por si mesmo, os sentidos que emergem das imagens. Como Shaun Tan (2014) sugere, o mediador cria um espaço seguro para perguntas abertas, permitindo que o leitor estabeleça suas próprias interpretações, sem que haja uma imposição de uma única leitura correta, e chamando a atenção para elementos que talvez não sejam percebidos em uma leitura não mediada.

Seguindo o modelo de mediação proposto por Arizpe, Colomer e Martinez-Roldan (2014), entendemos que o mediador tem a função de fornecer sugestões linguísticas, sumarizar ideias e convidar o

leitor a expandir suas reflexões. Não é função do mediador decodificar ou explicar o livro, mas sim oferecer perguntas que permitam uma interação mais profunda com o texto.

Nesse sentido, para as autoras, as perguntas formuladas pelo mediador podem variar entre abertas — que introduzem a discussão sobre a narrativa visual — e mais focadas, que incentivam o leitor a basear suas respostas nas pistas presentes no texto. Por exemplo, perguntas abertas como “O que você pode ver?” ou “Me fale sobre esta imagem” ajudam a iniciar a leitura. Contudo, como essas perguntas podem resultar em descrições superficiais ou especulativas, para as autoras, é necessário seguir com questões de ligação que incentivem respostas mais interpretativas: «O que faz você pensar isso?», «O que esse elemento pode significar?». Essas perguntas permitem que o leitor utilize a camada textual como mola para as demais camadas (Bértolo, 2014).

Além disso, é importante que a mediação inclua perguntas focadas nos elementos narrativos e visuais da história, como “Por que o autor escolheu apresentar esses elementos desse modo?” ou “O que você acha que acontecerá a seguir?”. Essas questões ajudam o leitor a testar hipóteses sobre a narrativa e ancorar suas interpretações nas pistas visuais presentes no livro.

Um aspecto importante da mediação é permitir que o leitor conecte o texto com suas próprias vivências. Perguntas autobiográficas, como “Você já se sentiu como esse personagem?” ou “Você acha que o personagem pode ser surdo?” permitem que o leitor estabeleça uma relação pessoal com a narrativa, ampliando sua compreensão e identificação com a história. Essa prática é fundamental na mediação com leitores surdos universitários, considerando que a experiência de leitura sem palavras em um espaço em que o português escrito é tão valorizado, como o acadêmico, pode se tornar um momento de valorização da identidade leitora desses alunos. Tivemos um exemplo disso quando, em uma oficina de leitura, um aluno que não costumava se manifestar nas aulas da graduação foi um dos mais participativos ao expressar suas interpretações do livro ilustrado que estávamos lendo. Ao final da oficina, ele mencionou que, diferente das aulas na graduação, em que sentia que sua interpretação dos textos escritos em português estava sempre em desacordo com o que seria a interpretação correta, na oficina ele sentiu que sua percepção era valorizada, ao compreender que sua interpretação da narrativa visual sem palavras era única e válida, independentemente de uma leitura considerada correta.

O mediador também deve entender que ele próprio é, acima de tudo, um leitor entre outros. Sua função é compartilhar sua interpretação como uma possibilidade de leitura subjetiva, e não como uma verdade definitiva. Assim, ele contribui para que o leitor desenvolva autonomia em seu percurso de leitura, sendo capaz de elaborar suas próprias perguntas e interpretações à medida que avança na narrativa. Portanto, o mediador atua como um facilitador que, em vez de contar a história, provoca o leitor a explorar, testar hipóteses, formular conexões e construir seu próprio caminho de leitura.

Para isso, é importante que o mediador construa um plano de mediação de leitura para cada livro ilustrado sem palavras que contenha perguntas-chave formuladas para cada página, tendo em mente as camadas de leitura e a progressão narrativa. Entendemos que, muitas vezes, o mediador não terá as respostas para as próprias perguntas, mas o processo de questionamento, a investigação da narrativa é que

deve ser o foco. Além disso, é importante que o mediador esteja preparado para perceber a necessidade de novos questionamentos no decorrer do processo de mediação. Dessa forma, a mediação pode não apenas colaborar para uma compreensão mais rica do texto, mas também promove a independência e a autossuficiência do leitor no processo de interpretação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou explorar as leituras subjetivas realizadas por leitores surdos universitários ao interagirem com livros ilustrados sem palavras. Por meio de oficinas de mediação de leitura, pudemos observar como as vivências identitárias como pessoas surdas influenciam diretamente as interpretações, especialmente ao acessarem a camada de leitura autobiográfica. Ao mergulharem nas narrativas visuais, os leitores surdos trouxeram suas experiências individuais para a leitura, projetando suas realidades nos personagens e nas tramas, mesmo quando não parecia haver uma intenção explícita por parte dos autores de representar personagens surdos.

Ao longo deste trabalho, conseguimos evidenciar que, ao retirar as barreiras linguísticas impostas por textos verbais, os leitores surdos acessaram de maneira mais profunda as camadas de leitura, especialmente aquelas relacionadas às suas identidades e experiências de vida. Nesse sentido, as mediações realizadas permitiram a formulação de interpretações ricas e diversas, destacando como a subjetividade de cada leitor molda os caminhos de leitura que são percorridos.

O papel do mediador é assim percebido como crucial para guiar os leitores, não oferecendo respostas definitivas, mas provocando reflexões e incentivando a autonomia interpretativa. Para isso, as perguntas focadas tanto nos elementos narrativos quanto visuais possibilitam que os leitores ancorem suas interpretações nas pistas fornecidas pelo texto imagético, ao mesmo tempo que conectam suas vivências pessoais às histórias.

Por fim, reafirmamos a necessidade de reforçar a importância de considerar as especificidades do público surdo nas práticas de mediação de leitura, valorizando suas percepções e promovendo um ambiente em que suas interpretações são vistas como válidas e enriquecedoras. Acreditamos assim que as experiências aqui compartilhadas possam contribuir para a construção de práticas de mediação de leitura que respeitem a diversidade de leitores e ampliem as possibilidades para o trabalho com a leitura subjetiva de livros ilustrados sem palavras por adultos em contextos educacionais.

## REFERÊNCIAS

- Alves Filho, F. (2007). O leitor presumido na imprensa escrita piauiense. In M. A. F. Lima, M. S. F. Carvalho, & F. Alves Filho (Eds.), *EnMEL Linguagem & Discurso: estudos linguísticos e literários* (pp. 192-202). Teresina: Editora da UFPI.
- Alphen, J.-C. R. (2012). *O Menino-vazio*. São Paulo: Jujuba.
- Arizpe, E. (2013). Meaning-making from wordless (or nearly wordless) picturebooks: What educational research expects and what readers have to say. *Cambridge Journal of Education*, 43(2), 1-30.
- Arizpe, E., Colomer, T., & Martinez-Roldan, C. (2014). *Visual journeys through wordless narratives: An international inquiry with immigrant children and The Arrival*. London: Bloomsbury.

- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal* (4th ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bértolo, C. (2014). *O banquete dos notáveis: Sobre leitura e crítica* (C. Tarrío, Trans.). São Paulo: Livro da Matriz.
- Blikstein, I. (2003). *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix.
- Coscarelli, C. V. (2016). Navegar e ler na rota do aprender. In C. V. Coscarelli (Ed.), *Tecnologias para aprender* (pp. 93-121). São Paulo: Parábola Editorial.
- Eco, U. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção* (H. Feist, Trans.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Fittipaldi, C. (2008). O que é uma imagem narrativa? In I. Oliveira (Ed.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador* (pp. 93-121). São Paulo: CDL.
- Jouve, V. (2013). A leitura como retorno a si: Sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In N. L. Rezende & G. Langlade (Eds.), *Leitura subjetiva e ensino de literatura* (pp. 53-65). São Paulo: Alameda.
- Lago, A. (1994). *Cena de rua*. Belo Horizonte: RHJ.
- Leão, G. B. O. S., Sofiato, C. G., & Oliveira, M. (2017). A imagem na educação de surdos: Usos em espaços formais e não formais de ensino. *Revista de Educação PUC-Campinas*, 22(1), 51-63.
- Manguel, A. (2001). *Lendo imagens: Uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Perlin, G. (1998). Identidades surdas. In C. Skliar (Ed.), *A surdez: Um olhar sobre as diferenças* (pp. 51-73). Porto Alegre: Mediação.
- Quadros, R. M. (2005). O bi do bilinguismo na educação de surdos. In *Surdez e bilinguismo* (pp. 26-36). Porto Alegre: Mediação.
- Rennó, R. (2008). *Onde canta o sabiá*. Belo Horizonte: Editora Compor.
- Santaella, L. (2012). *Como eu ensino: Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.
- Tan, S. (2011). *A chegada*. São Paulo: Edições SM.
- Tavares, M. (2019). *A menina que não se encaixava*. São Paulo: Gafanhoto Verde-Sol.